

Atrocidades dos bandidos na voz de sobreviventes



Sobreviventes de acções dos bandidos armados relataram, no último sábado, em alguns locais da capital do País as barbaridades cometidas por aqueles inimigos do Povo. Tiveram lugar reuniões que abrangeram as populações dos bairros T3, Zona Verde e Vale do Infulene, assim como estudantes na Escola Secundária Josina Machel. Foram apresentados três bandidos armados, o que contribuiu para aumentar o ódio dos cidadãos contra as suas acções.

do que não é porque o nosso País seja pobre, mas sim porque está empobrecido, com as acções dos bandidos armados, que visam criar a fome e a nudez na nossa Pátria.

Usou em seguida da palavra o capitão Miguel Agostinho Milice, que disse já não podermos ir à vontade a Marracuene e à Namaacha por causa das acções criminosas dos bandidos armados.

Tuaie Iayaya Sulemane, de 36 anos, casado e pai de quatro filhos é motorista da Rodoviária Moçambique Sul — ROMOS. Já foi alvo de dois ataques dos «massangaíssas». O primeiro, em 9 de Setembro de 1983. Quando seguia de Inhambane para Maputo o autocarro que dirigia foi alvo de raja-

Actos de heroísmo de um motorista e um cobrador da ROMOS contracenaram com depoimentos de dois bandidos armados e as suas barbaridades. A reunião teve lugar na Escola Secundária Josina Machel e contou com a presença de centenas de estudantes de vários estabelecimentos de ensino da capital do País. Uma das vítimas dos bandidos armados relatou a acção por eles desencadeada contra um autocarro que na antepassada quarta-feira fazia a ligação Namaacha - Maputo, da qual resultou a morte de 18 passageiros.

da Juventude Moçambicana, Zaccarias Kupela, que orientou a reunião, começou por historiar, em breves palavras, a ausência de paz que se vive no nosso País, desde o tempo em que foi ocupado pelo colonialismo português. Falou das faltas que presentemente enfrentamos em Moçambique, observan-



Criança vítima dos bandidos armados, internada no Hospital Central de Maputo. Seguiu de autocarro, com familiares, da Namaacha para a capital do País na antepassada quarta-feira, (foto AIM)

Presentes na reunião, que se realizou na manhã do último sábado, professores e estudantes das escolas secundárias Josina Machel e da Maxaquene, assim como dos institutos de Ciências de Saúde de Maputo e de Línguas. O salão da Escola Secundária Josina Machel, onde decorreu o encontro, encontrava-se completamente lotado e os corredores contíguos estavam cheios de continuadores da respectiva zona habitacional.

O membro do Comité Central e Secretário-Geral da Organização

das de metralhadora. Não parou a viatura, embora tivesse sido ferido, juntamente com mais sete passageiros. Foram posteriormente socorridos e esteve 30 dias de baixa no hospital, ao fim dos quais retomou o seu trabalho.

A 31 de Dezembro do ano findo, o autocarro que guiava foi alvo de um outro ataque, a 14 quilómetros de Inhambane. Os bandidos armados lançaram «rockets» e provocaram mortes entre os 70 passageiros que seguiam viagem. Não parei o carro e embora me sentisse ferido segui viagem. Quando fui assistido, informaram-me que levava dez pontos, disse Tuaie Sulemane, que ficou 90 dias de baixa, dados os ferimentos so-

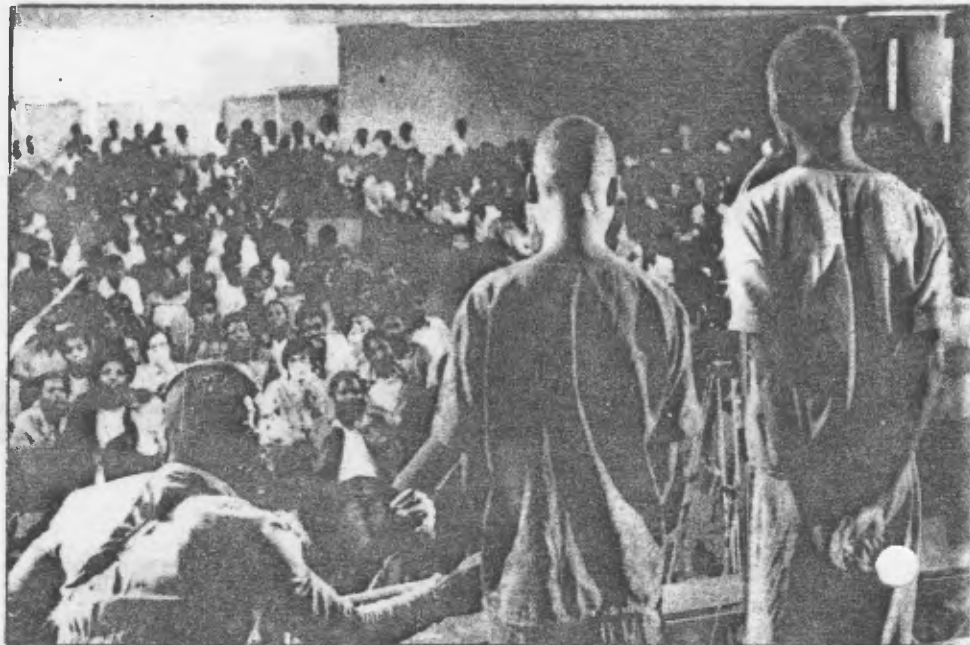


Tuaie Iayaya Sulemane, motorista da ROMOS, duas vezes atacado pelos bandidos armados: — «Não penso recuar. Continuarei a trabalhar»

fridos. Afirmou que não penso recuar. Continuarei a trabalhar.

Valeriano Teodomiro Nhantumbo é cobrador da ROMOS, sendo casado e pai de oito filhos. Também já foi alvo de duas acções criminosas dos bandidos armados. No primeiro ataque, seguia juntamente com o condutor Tuaie Iayaya Sulemane, no passado mês de Setembro. Participou no socorro de várias vítimas, que foram assistidas no Hospital Central de Xai-Xai.

O último ataque de que foi alvo teve lugar na antepassada quarta-feira, quando seguia num autocarro que fazia a ligação Namaacha-Maputo. Conforme contou,



Bandidos armados apresentados a professores e estudantes na Escola Secundária Josina Machel

eram 19.20 horas quando os bandidos armados dispararam contra o autocarro, que estacou em seguida. Disse que os bandidos entraram no autocarro e mataram à queima-roupa os sobreviventes que se encontravam dentro do veículo. Era uma mulher que indicava aos bandidos, os sobreviventes para serem mortos, acrescentou, especificando que a tal mulher dizia: este está vivo, mata. Valeriano Teodomiro Nhantumbo disse que foram mortos no ataque 10 passageiros e outros foram



Valeriano Teodomiro Nhantumbo, cobrador da ROMOS, seguia no autocarro que fazia a ligação Namaacha-Maputo na quarta-feira da semana passada, foi ferido e disse que «não abandonarei o serviço»

enviados de urgência para o Hospital Central de Maputo. Notícias posteriormente divulgadas estimam que morreram no total 18 cidadãos. Aquele cobrador da ROMOS observou que não abandonarei o meu serviço. Sempre estarei pronto, porque não sei quando nem onde a morte me vai levar.

«Morte aos bandidos armados», gritaram os estudantes na Escola Secundária Josina Machel, quando, depois dos relatos feitos pelos sobreviventes, entraram no local da reunião dois bandidos, devidamente escoltados por elementos das Forças Armadas de Moçambique (FPLM). Jossefa Mapom' e Make e Eugénio Mondlane narraram algo da sua trajectória assassina, com muitas mentiras pelo meio, o que revoltou os presentes. Como não falassem português, foi preciso que alguém traduzisse o que tinham a dizer, assim como as respostas a perguntas formuladas por muitos estudantes.

Enquanto Jossefa Make, que esteve cinco anos nas hostes dos bandidos, disse que matei quatro elementos da população, Eugénio Mondlane disse que matou dez pessoas. Os seus depoimentos contradiziam-se de tal maneira que os estudantes disseram por várias vezes que eles deviam ser fuzilados. Os bandidos falaram de roubos feitos às populações e de sevícias que praticavam, quando



Os bandidos armados apresentados. Jossefa Mapombole Make (à esquerda) e Eugénio Mondlane

não lhes davam alimentos. Foram feitas muitas perguntas, ainda que de forma desorganizada, pelos estudantes, o que permitiu concluir que para além de boçais, os bandidos armados não tinham qualquer espécie de respeito pelo ser humano.

A encerrar o encontro, o Secretário-Geral Zacarias Kupela disse que aquela assembleia não era um tribunal e que, como tal, não poderia julgá-los e condená-los à morte. Acrescentou que o contacto com aqueles bandidos armados criara condições para a comunidade escolar conhecer a essência do banditismo armado e reforçar o seu patriotismo.

A. Casimiro

INDIFERENÇA DOS BANDIDOS AUMENTA ÓDIO DA POPULAÇÃO

O comício de apresentação dos bandidos armados à população dos bairros «T3», Zona Verde e Vale do Infulene, no prosseguimento das acções de Educação Patriótica em curso na capital do País, foi orientado por José Lisano Fanequisso, Secretário da Mobilização e Propaganda da Cidade de Maputo. Aida Macandza, sobrevivente dum ataque dos bandidos, contou o drama passado.

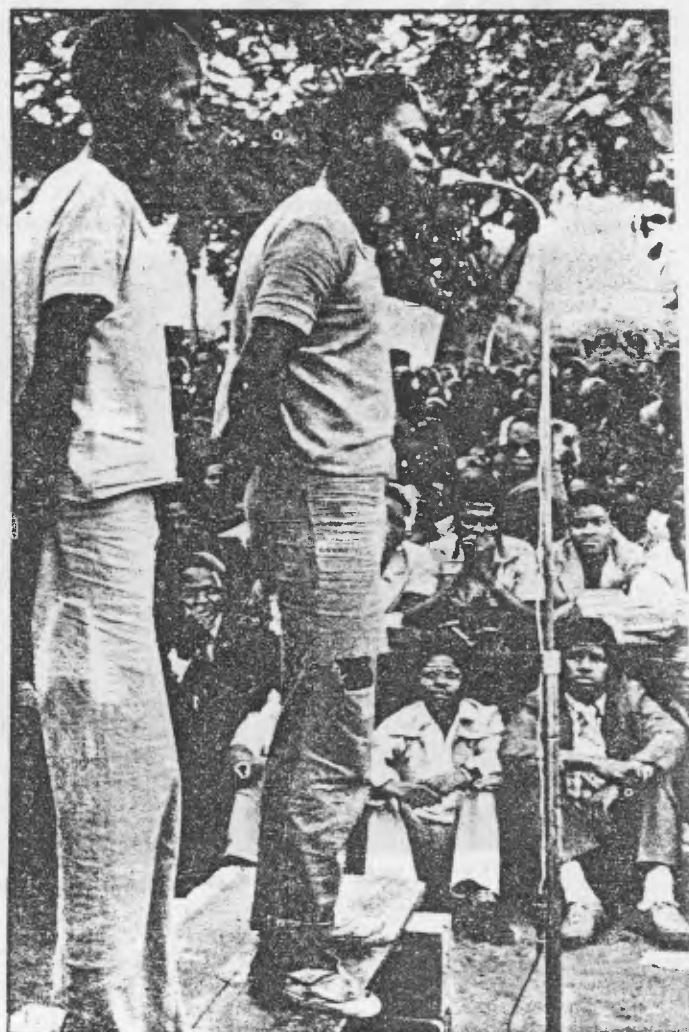
O Secretário da Mobilização e Propaganda da Cidade de Maputo começou por explicar à população o surgimento e objectivos dos ban-

didos armados nas suas acções destabilizadoras. Os seus dirigentes e muitos dos integrantes dos bandidos armados são descontentes com o processo revolucionário que o nosso Partido traçou como estratégia a seguir para um desenvolvimento harmonioso do nosso País — referiu José Fanequisso.

Aida Sebastião Macandza foi uma das sobreviventes do recente

ataque dos bandidos armado: um comboio que se deslocava Maputo. Quando vinha da Marça, zona onde resido, com destino ao serviço, em Marracuene, o comboio foi surpreendido por três dos bandidos. No prosseguimento das suas declarações Aida Macandza disse que na altura dos disparos ela escondeu-se debaixo das cadeiras do comboio até uma calma momentânea, que se observou.

Então, como julgava que tudo tivesse cessado, ela saiu do comboio à procura de outro refúgio no mato. Foi nessa sua tentativa de escapar-se dos bandidos, que foi apanhada. Obrigaram-me a seguir-lhes na sua caminhada e como já não aguentasse mais caí e cansaço. Após outra marcha, os bandidos armados pararam e, também seguiu o exemplo. Nesta paragem foi onde uma vez mais a sanha assassina e criminosa dos bandidos armados se pôs em evidência. Antes de dispararem, obrigaram-me a dizer «Abaixo o Presidente Samora Machel». Foi um bandido a abrir a arma para depois me alvejar no peito, na zona



Hélder Lopes, narrando a sua história

próxima do coração, tendo-me atingido os selos e foi-se embora quando vi que eu já estava quase moribunda, afirmou Aida Macandza.

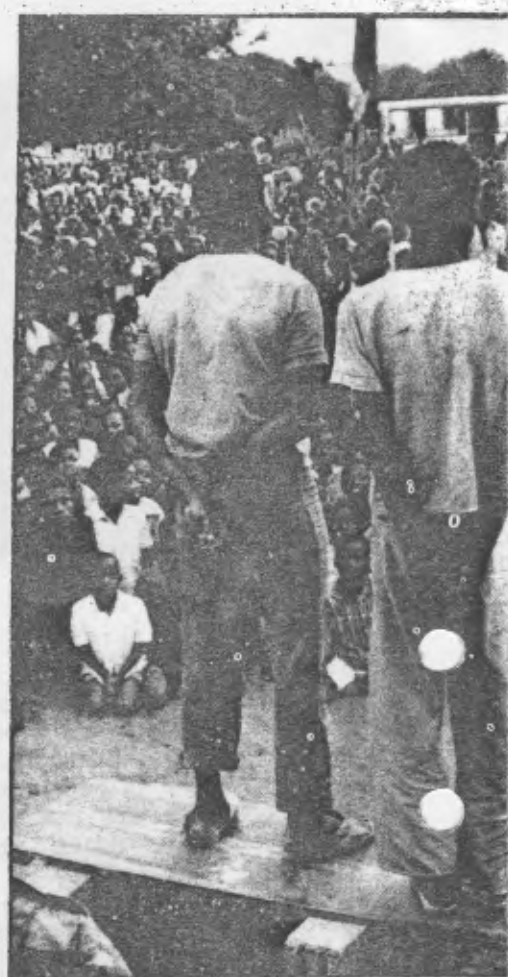
Mais tarde, quando já nada aguentava, Aida Macandza foi socorrida pelas Forças Armadas de Moçambique, que se deslocaram ao local após terem ouvido os disparos. Neste momento esta sobrevivente encontra-se internada no Hospital Central de Maputo.

No meio do comício alguns participantes narraram a imagem criminosa dos bandidos armados, reafirmando a sua disposição em

liquidar fisicamente esses «cabeças de mataquenha» como acusava uma das estrofes duma canção entoada na ocasião.

Hélder Lopes, natural de Inhambane, distrito de Mabote, disse que foi raptado pelos bandidos armados em 1981, quando se deslocava de Manica para Inhambane. Treinou durante três meses na base de Tome, em Inhambane. Ao longo dos treinos tentou a fuga e depois de três dias no mato, foi novamente raptado pelos bandidos. Desta vez, segundo ele, foi transferido para a base de Impala na África do Sul onde cursou nas comunicações como operador de radar, durante sete meses. Em 1982, é enviado para Moçambique num grupo composto por 300 bandidos para participar em acções de sabotagem à economia nacional, de acordo com as ordens dos seus superiores. Hélder Lopes afirmou que esteve todo o tempo na base de Tome como operador de radar e trabalhava juntamente com os sul-africanos na sinalização dos locais para aterragem dos aviões e helicópteros, vindos da África do Sul, com equipamento militar, comida e medicamentos. Entregou-se às nossas forças em Outubro de 1982.

O segundo bandido, de nome António Paulo dos Santos, nasceu na Mafalala, em Maputo, e residia no Bairro do Hulene. Na Manhica, quando um comboio em que



Aspecto parcial da reunião do Bairro T3



Aida Macandza, sobrevivente dos bandidos armados



Em cada comício a curiosidade da miudagem vai aumentando

viajava foi atacado pelos bandidos armados, ao tentar fugir fizeram-me prisioneiro e obrigaram-me a seguir-lhes, juntamente com um amigo meu com quem viajava, em 1983, disse António dos Santos. Recebeu instrução militar na base de Malanga e nas suas acções criminosas, assassinou cinco pessoas. Diz ele que matava porque os chefes ordenavam. Quando tentava infiltrar-se na cidade de Maputo foi capturado este ano no Bairro do Hulene, pelas FPLM.

Movidos por emoção originada pela indiferença que caracterizava os bandidos ali apresentados, nas suas narrações, muitos elementos da população perguntaram qual era o destino por eles desejados agora, face aos crimes cometidos contra a população indefesa que são os alvos mais atingidos destes criminosos. Como nenhuma resposta surtisse o efeito desejado pela população, esta gritou em uníssono. «Queremos a morte aos bandidos».

Alfredo Tembe